

7  
—

Especial Carolina  
Maria de Jesus!



*Auto Cuidado. Carolina Itzá*

# Lendo uma carta de Carolina

**CAROLINA MARIA DE JESUS NASCEU EM SACRAMENTO**, interior de Minas Gerais, em 14 de março de 1914, em uma família humilde. Aos 33 anos, em 1937, muda-se para São Paulo e lá começa a construir a sua carreira literária.

Carolina deixou mais de cinco mil páginas totalmente desconhecidas do grande público, em 37 cadernos recolhidos de lixeiras da grande São Paulo; recebidos de pessoas; e alguns comprados por ela - informação que evidencia o quanto a escrita representava algo fundamental para os projetos de vida de Carolina, uma vez que a decisão de gastar dinheiro com cadernos certamente advinha de um cálculo exímio para manter o equilíbrio entre projetos literários e a subsistência.

Todo o material está dividido entre o Museu Afro Brasil (MAB), em São Paulo; a Biblioteca Nacional (FBN) e o Instituto Moreira Salles (IMS), no Rio de Janeiro; o Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswick (APMS), em Sacramento e o Acervo de Escritores Mineiros (AEM), em Belo Horizonte, em Minas Gerais<sup>1</sup>.

Em meio aos cadernos inéditos microfilmados da autora, encontram-se sete cartas numeradas pela Biblioteca Nacional. Os destinatários dessas cartas foram: sr. Hernani, Gerson Tavares<sup>2</sup>, Naylor de Oliveira<sup>3</sup>, Sr. Marinho<sup>4</sup> e Leo Magarinos<sup>5</sup>. Embora haja a possibilidade delas nunca terem chegado aos seus destinos, foram, geralmente, direcionadas a pessoas que, em certa medida, poderiam beneficiar a autora na publicação de sua obra literária.

A carta que selecionamos para publicar nesta seção - *Especial Carolina!* -, do primeiro número da revista *Firminas*, evidencia a persistência da escritora em relação aos seus projetos literários, bem como

---

<sup>1</sup> Cf. BARCELLOS, 2015; SOUSA, 2004.

<sup>2</sup> Cineasta importante na década de 1960. Diretor de dois longas-metragens: *Amor e desamor* (1966) e *Antes o verão* (1968).

<sup>3</sup> Radialista baiano conhecido em São Paulo naquela época, que possuía um programa na Rádio Nacional, *Bairros em desfile*, em que denunciava os problemas dos bairros da cidade (ARRUDA, 2015, p.28).

<sup>4</sup> Em se tratando do destinatário Sr. Marinho, por não mencionar o primeiro nome, mas por referir-se a um sobrenome de relevância na comunicação nacional, acreditamos se tratar da Rádio Globo, que abriu a sua filial em São Paulo em 1966, cujo proprietário na época era o Roberto Marinho. Entretanto, essas informações não são suficientes para saber qual é o destinatário, com sobrenome Marinho, aludia Carolina de Jesus (OLIVEIRA, 2017, p. 236).

<sup>5</sup> Editor da livraria Francisco Alves.

seu desgosto com a edição do livro *Pedaços da fome*, seu único romance publicado, além de reforçar o caráter econômico intrínseco às suas aspirações (OLIVEIRA, 2017, p.239). Em nossa hipótese, esse apelo ao econômico poderia ser também uma estratégia de convencimento que Carolina utilizava para publicar suas obras.

A carta é datada de 31 de dezembro de 1970<sup>6</sup>, escrita em Parelheiros e endereçada ao senhor Gerson Tavares, cineasta. Nela, a escritora narra a história do surgimento da favela do Canindé, provavelmente a pedido do cineasta, que, ao que tudo indica, pretendia filmar a biografia da escritora e publicar seus livros. Bruscamente, a escritora interrompe a história para citar nomes de editores internacionais com os quais ela teve contato, fazendo comentários sobre eles e uma autocrítica ao seu livro *Pedaços da fome* (OLIVEIRA, 2017, p.237; ARRUDA, 2015, p.28):

Quando eu escrevi este livro pedaços da fome, o título era *A felizarda*. Mas o ilustrador Suzuki – muito antipático, trocou o nome do livro para pedaços da fome. E enfraqueceram a estória. A editora não pagou a gráfica, e o dono da tipografia deu-me os livros. Mas está tão fraco que eu não tenho coragem de pô-los a venda.

Quando puder, quero mandar imprimir-lo do jeito que escrevi. O livro é mais forte, do que o quarto de despejo. Tem mais críticas e mais desajustes, para debates.

Quando o senhor voltar a São Paulo poderá ler os originais, e se o senhor datilografá-lo, e fazer o prefácio, podemos ganhar muito dinheiro, e vender as traduções para os editores internacionais, se o dinheiro vier no meu nome, nós dividiremos os lucros, o senhor ainda não me conhece profundamente.

Ao redigir sua carta, Carolina revela a organização do seu acervo, a administração de suas publicações e as dificuldades que encontra diante dos editores. Demonstra tristeza e decepção por estar no ostracismo e alegra-se com o interesse de Gerson Tavares, que a reanima para a vida literária e para o sucesso.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> “No rolo microfilmado no qual se encontram as cartas, denominado Miscelânea pela Fundação Biblioteca Nacional, aparece no índice descritivo das cartas a data de 1976 para esta. Entretanto, ao ler o texto manuscrito, comprovamos que a data correta é 1970” (ARRUDA, 2015, p.27).

<sup>7</sup> Cf. ARRUDA, 2015, p.28.

**Parelheiros, 31/12/1976<sup>8</sup>**

**Senhor Gerson Tavares,**

Desejo-lhe felicidade no ano que se inicia. E agradeço-lhe o cartão que enviou-me. Escrevo-lhe, para relatar-lhe, como é que surgiu a favela do Canindé.

No ano de 1948. O general Craveiras Lopes, de Portugal, vinha visitar o Brasil. Ele ia percorrer várias ruas de São Paulo. Não havia casas para o zé paninho, que dormiam debaixo dos viadutos, e nos terrenos baldios.

Então o Dr. Adhemar de Barros, mandou procurar um terreno as margens do rio Tietê, para que os pobres pudessem ficar ali, e construir seus barracões. E o Dr. Adhemar, saía a noite com os carros de cavalheiros, carros do estado caminhões, e os pobres que eles iam encontrando pelas ruas iam obrigando-os a entrarem nos caminhões. As mulheres choravam dizendo:

Eles vão nos matar, porque nós somos pobres. Quando o Dr. Adhemar nos deixou as margens do rio Tietê disse: eu aqui, vos deixo! E vocês constroem os seus barracões.

A prefeitura vai dar-lhes um lote de 8 de frente, e 12 de fundo, para cada família – pretendo retirá-los daqui, quando eu for presidente do Brasil, vocês devem mandar os seus filhos nas escolas, porque o homem analfabeto, é um esbulho para o nosso Brasil quando necessitar de algo, procure a Dona Leonor. Eu conto com os votos de vocês. Eram quatro horas da manhã. Enquanto o Craveiras Lopes, permaneceu em São Paulo, nós, os pobres, não podíamos sair nas ruas – outro detalhe: quando o senhor Manoel dormia na favela, ele usava, ceroula, e camiseta. E as vezes, nós acordávamos com alguém, batendo batucada nas tabuas do meu barracão. O senhor conta quantos personagens tem o livro – não anotei.

- Será que o senhor conseguirá mostrar uma favela, nas margens de um rio? Vou enviar-lhe, alguns nomes dos editores:

Argentina – Dr. Idel Luciano Sahdvaller.

Hungria – Dr. Baytha.

Alemanha – Dr. Christian Wegner Verlag.

O editor das EE. UU, é o mesmo da Inglaterra.

Dizem que o editor pão duro, é o argentino.

---

<sup>8</sup> Biblioteca Nacional, rolo microfilmado denominado Miscelânea. FTG 524 [Sinalética]. Carta 2 [Ao Sr. Gerson Tavares, Parelheiros, em 31/12/1976.

Estou reunindo as roupas velhas para o nosso filme. Quando eu ia catar papel, ia com as roupas rasgadas e os sapatos velhos e rotos usava palitô masculino e arregaçava as mangas.

As crianças da favela, andavam descalças. A única, que andava calçada, era a, Vera.

Quando eu escrevi esse livro, pedaços da fome. O título, era – “A Felizarda”. – mas, o ilustrador Suzuki – muito antipático trocou o nome do livro – para pedaços da fome, e enfraqueceram a estória – a editora, não pagou a gráfica, e o dono da tipografia deu-me, os livros. Mas esta tao fraco, que eu, não tenho coragem de po-los a venda.

Quando eu puder, quero mandar imprimi-lo do jeito que escrevi. O livro é mais forte, do que o quarto de despejo. Tem mais criticas e mais desajustes, para debates.

Quando o senhor voltar a São Paulo poderá ler os originais, e se o senhor datilografá-lo, e fazer o prefácio, podemos ganhar muito dinheiro, e vender as traduções para os editores internacionais, se o dinheiro vier no meu nome, nós dividiremos os lucros, o senhor ainda não me conhece profundamente.

Mas, eu não tenho preguiça. E não sou pernóstica. Eu vou reler os originais novamente.

Quando o senhor escrever para os editores diz-lhes que o senhor vai publicar outro livro meu.

Sabe senhor Gerson, eu estou contente com o senhor. O senhor é mais agradável do que o Dantas.

Quando eu comprava um vestido, ele me chingava dizia: que as negras do Brasil, estão habituadas a viver de qualquer jeito. Que o negro não deve ter pretensões, por isso, e outras coisas mais fui afastando-me dele – fazem 5 anos que não o vejo. No dia 19 de agosto – 1970, completa 10 anos que lançamos o quarto de despejo. – para mim, foi, “o quarto do diabo”. – O Jose Carlos foi na fermata pedir a gravação da valsa do Rio Grande do Sul, mas desapareceu da fita, tenho que gravar novamente, depois escrevo-lhe.

Mas preciso tomar um xarope, porque a tosse é estentória, e eu não estou muito boa – para cantar.

É a ultima coisa, que estava faltando, para o senhor formar o script se pudéssemos fazer o filme colorido.

O senhor quer escrever para a suissa? Responde aquela carta para mim. O senhor leu a novela “onde estais felicidade”? Espero que tenha lhe agradao, pretendo escrever várias estórias, para o senhor fazer filmes.

O senhor esta ressuscitando o meu ideal ti agradeço por isso. Estive pensando: depois que o senhor procurou-me para o filme, os que haviam afastado-se de mim, estão procurando-me novamente. Os que sabem que o senhor vai fazer o filme. A gravadora esta interessada na gravação da Valsa do Rio Grande do Sul. O senhor pode arranjar um gravador, e eu gravo só para o senhor, para que tudo seja surpresa no filme – temos que arranjar um cômoda velha, e um pilão, o pilão eu vou arranjar.

As vezes eu só corto pão duro, para os filhos. Quando eu andava pelas ruas catando papel, várias madames me davam pães duros. Eu não vou a fermata gravar a valsa. Espero a sua decisão. Outra coisa importante – a esposa do editor argentino, é quem manda n’ele: o nome d’ela, é Beatriz Bróide Sahavaller.

Quando o senhor escrever-lhe cita o nome d’ela. Enviando-lhe felicidades, etc.

Creio que estamos entendidos, nos pormenores referente ao livro, e o filme tem a cena da escola, os meus filhos não tinham uniforme.

Carolina Maria de Jesus

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline Alves. Carolina Maria de Jesus: Projeto Literário e Edição Crítica de um Romance Inédito. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Brasileira) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BARCELLOS, Sérgio. *Vida por escrito: Organização, classificação e preparação do inventário de arquivo de Carolina Maria de Jesus*. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/>> . Acesso em: 24 Mar. 2020.

SOUSA, Gernama Henriques Pereira de. Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida. In: BASTOS, Hermenegildo; ARAÚJO, Adriana de F. B. (Org.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2011, p. 86-108.

OLIVEIRA, Danielle Stephanie de. As possibilidades das cartas para compreensão do sujeito de enunciação e sujeito do enunciado nas cartas da Carolina Maria de Jesus. *Anais do VI CONPDL* (Congresso Nacional De Psicanálise, Direito e Literatura), 20, 21 e 22 de setembro de 2017, Belo Horizonte [recurso eletrônico]: Leituras interdisciplinares sobre racismo – quarto de despejo / Coordenação geral por Fábio Roberto Rodrigues Belo. [realização UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais] — Belo Horizonte: Ami Comunicação & Design, 2017. pp. 232-244.